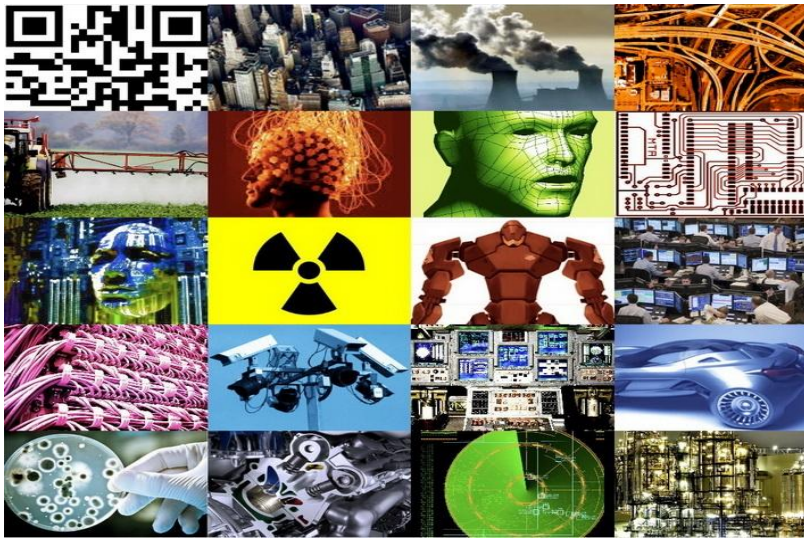
Porquê associar a psicologia analítica e o tecnocriticismo?



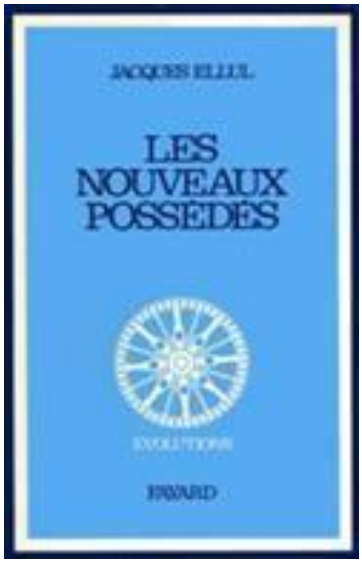
Os séculos XIX e XX assistiram a uma verdadeira transformação antropológica.

Desde então, a técnica tornou-se o nosso ambiente, tal como a natureza o era para os nossos antepassados desde os primórdios da humanidade.

Estamos tão dependentes dos artefactos (máquinas, redes, ondas, etc.) como estávamos das árvores e dos rios; todas as nossas actividades dependem Deles. Alguns acolhem-na com satisfação porque a consideram um sinal de "progresso": são os tecnófilos; outros, pelo contrário, preocupam-se porque a consideram uma fonte de incómodo: são os tecnófobos. Mas poucos conseguem ultrapassar a fase emocional e fazer uma análise fundamentada da situação e das lições a tirar: são os tecnocríticos.

LER > Tecnocrítica

Já no século passado, os pensadores tecnocríticos anteciparam as situações que nos afectam hoje e avisaram os seus contemporâneos de que, se o "progresso técnico" continuasse sem ser compensado pelo "progresso ético", a humanidade no seu conjunto encontrar-se-ia desequilibrada e o "progresso técnico" voltar-se-ia contra ela. Em França, o sociólogo Jacques Ellul é o pensador tecnocrítico mais fecundo: durante várias décadas, dedicou numerosos livros e artigos a este tema.



Em 1973, em *Les nouveaux Possédés* (*Os Novos Possuídos*), Ellul argumentou que os seres humanos podem alegar que são livres, emancipados e liberados, mas, na realidade, são alienados, *possuídos* por mil coisas que fabricam e aperfeiçoam constantemente para limitar as restrições de sua existência e alcançar um bem-estar cada vez maior. Os principais alvos de Ellul eram o Estado e a técnica. Em sua opinião, os seres humanos esperavam que a técnica não apenas resolvesse suas necessidades materiais, mas também satisfizesse sua curiosidade intelectual (como os atuais mecanismos de busca) e suas ansiedades (por exemplo, ter um filho quando não se quer). Eles esperavam que a técnica lhes trouxesse felicidade na Terra, assim como se esperava que a Igreja garantisse a salvação das almas na vida após a morte.

LER > Tecnosolucionismo

Les Nouveaux Possédés concluiu com estas palavras: “Não é a t técnica[1] que nos escraviza, mas a sacralidade transferida a ela, que nos impede de ativar nossa função crítica”. Para Ellul, “sacralizar” significava **conferir inconsciente e coletivamente uma importância desmedida a alguma coisa, a ponto de se tornar alienado dela e incapaz de passar sem ela**. Em nenhum lugar, entretanto, a noção de transferência foi explicada. Sabemos hoje que essa noção é fundamental para a psicanálise, mas Ellul não deu crédito à psicanálise: ele pode ter pensado e dito que a maioria de seus contemporâneos se comportava inconscientemente, mas para ele o adjetivo “inconsciente” era sinônimo de desatento ou negligente. Nada mais.

Não é de surpreender, portanto, que seus livros tenham permanecido incompreendidos por um grande público e que ele seja frequentemente descrito como um tecnófobo, algo que ele defendia vigorosamente.

Mas, apesar de seu impasse sobre o inconsciente, Ellul defendia dois pontos essenciais:

1) tornar qualquer coisa sagrada altera tanto o espírito crítico quanto o senso de valores;

2) a técnica se desenvolve de forma autônoma, sem que ninguém possa regular seu desenvolvimento: como indica a *lei de Gabor*, “o que é tecnicamente concebível será necessariamente realizado mais tarde”.

LER > *Lei de Gabor*

Por causa de sua rejeição à psicanálise, Ellul não conhecia a teoria de Carl Gustav Jung sobre a autonomia do inconsciente. Agora, qualquer pessoa que se esforce para comparar as duas teorias pode, sem muita dificuldade, desenvolver uma visão estereoscópica não apenas da alma humana contemporânea, mas de todos os danos causados pelo estado generalizado de inconsciência e irresponsabilidade do homem: **a técnica se desenvolve de forma autônoma porque é o objeto de uma projeção de um inconsciente que é autônomo e não é reconhecido como tal.**

Portanto, embora os seres humanos estejam perfeitamente cientes das consequências negativas do “progresso técnico”, eles são totalmente incapazes de se conscientizar de suas causas e, portanto, de remediá-las. Só podemos “tomar consciência” de qualquer coisa identificando o inconsciente como uma entidade psíquica em seu próprio direito. Mas, do jeito que as coisas estão, “a ciência sem consciência é apenas a ruína da alma” (François Rabelais, *Gargantua*, 1534).

Uma porta aberta….

Este pequeno site baseia-se em um convite: vincular a teoria da autonomia do inconsciente e a da técnica para integrar o fato de que a crença no progresso técnico constitui a manifestação privilegiada e inigualável em intensidade da vontade de poder, que é um produto puro do inconsciente. [2]

---

[1] De acordo com Ellul, *a técnica* inclui não apenas *a tecnologia* (máquinas, computadores, redes etc.), mas também t*odas as técnicas não materiais,* como as técnicas de organização do trabalho ou as técnicas de publicidade.

[2] É certo que a vontade de poder não é novidade: ela já era criticada em vários mitos antigos, como o de Prometeu. Mas o poder de computação fenomenal dos algoritmos é tal que a vontade de poder não pode mais ser ilustrada apenas por um mito: ela se tornou uma realidade coletiva incontestável: a maioria dos nossos contemporâneos não apenas a tolera, mas, nolens volens, a reforça: ao estabelecer cada vez mais contato com os chatbots, eles contribuem, sem nem mesmo perceber, para a desencarnação da humanidade. E quanto mais eles se alegram com o fato de os chatbots “raciocinarem”

As teorias de Jung e Ellul são complementares por outro motivo: cada uma aponta para o que falta à outra. Assim, da mesma forma que Jung torna explícita a noção de transferência deixada em suspenso por Ellul, Ellul indica que é ilusório esperar que os seres humanos se interessem pelo Self e pela vida simbólica enquanto evoluírem em uma sociedade baseada inteiramente na inflação do ego e cuja característica principal é elevar a razão instrumental ao ápice, esvaziando assim a própria noção de símbolo de todo significado.

O principal objetivo deste site é ajudar a aumentar a conscientização sobre o fato de que a utopia da a técnica está *poluindo* toda a psique muito mais do que o CO2 está afetando a camada de ozônio, e especialmente *antes* disso; porque a crise climática é a consequência direta de um fantasma generalizado de poder que não é reconhecido como tal e que, como corolário, não pode ser reconhecido até que essa utopia seja identificada.

Para quebrar esse círculo vicioso, é importante abordar as coisas dialeticamente: simultaneamente do ângulo psicológico (o do sujeito) e do ângulo sociológico (o do objeto). Os próprios Jung e Ellul nos convidam a fazer isso, ainda mais porque compartilham uma forma de pensar que está aberta à tensão sujeito-objeto.

LER > *Jung e Ellul, dialéticos*

Para mostrar até que ponto a ideologia da técnica mina o pensamento crítico e os valores tradicionais (respeito pela natureza e pelos outros, diálogo, democracia, preocupação com a verdade...) e os substitui por um único valor, a busca pela eficiência máxima em todas as coisas, basta um único exemplo: *o fenômeno Trump*.

Se um homem foi eleito e depois reeleito presidente dos Estados Unidos sem ser particularmente conhecido por seu espírito crítico, pela sutileza de sua linguagem ou pela coerência de suas declarações, é porque ele foi muito mais eficaz em sua propaganda do que todos os seus concorrentes e desafiantes. E se ele tem sido tão eficaz, é precisamente porque o respeito pela natureza, o respeito pelo outro e a preocupação com a verdade não estão entre suas prioridades.

Infelizmente, se tantas pessoas estão perplexas com o fato de que esse homem, que não consegue se expressar melhor do que uma criança de dez anos, ocupa o cargo mais alto na maior potência do mundo, é porque, como dissemos anteriormente sobre tecnófilos e tecnófobos, eles não conseguem ir além do estágio emocional porque não têm as ferramentas oferecidas pela psicologia analítica e pela abordagem tecnocrítica.

Origem e filosofia deste site

Meu nome é Joël Decarsin, tenho 70 anos, moro na França, sou cristão, católico por batismo e por opção (porque o catolicismo continua apegado ao rito e ao símbolo), mas infelizmente sem muita convicção: A Igreja trai o Evangelho todos os dias, porque se alia sistematicamente ao Estado e porque se atola em questões existenciais (por mais importantes que sejam: casamento dos padres, abertura do sacerdócio às mulheres, fim da vida...) e se afasta de uma questão essencial: a denúncia dos ídolos, a começar pela sacralização da técnica). Portanto, quando, em 2014, o Papa

como eles, mais, na realidade, suas próprias formas de pensar são modeladas de acordo com as dos chatbots: a humanidade está se tornando cada vez mais conformista com a ordem técnica.

Francisco considerou a Internet como um presente de Deus, ele claramente quis dizer que a Igreja, ao contrário da recomendação de Paulo (Rom. 12:2), tinha que *se conformar com o século*. Essa traição está custando o declínio do cristianismo como um todo.
Nos últimos anos, tenho tentado tornar o pensamento tecnocrítico mais conhecido em meu próprio país, por meio de associações. Primeiramente, na *Association Internationale Jacques Ellul*, da qual fui editor de 2009 a 2012, e depois como coordenador-iniciador da associação *Technologos / Penser la technique aujourd'hui*, de 2012 a 2015.

Em última análise, minha avaliação foi bastante limitada, essencialmente por dois motivos.

- Não incluí meu histórico psicanalítico em minha postura tecnocrítica porque achei que era um assunto particular. A releitura do livro *Presente e Futuro* de Jung (1957 ; traduzido para o português em 2013) me convenceu de que isso era um erro.

- Além disso, como a associação está "aberta a todos os ventos", as trocas são muito aleatórias e insuficientemente enquadradas.

Agora estou tentando um caminho diferente, não mais uma associação (uma estrutura *técnica* baseada em estatutos), mas uma comunidade, baseada no convívio e codificada por um estatuto que precisa ser elaborado de forma colegiada e que provavelmente evoluirá com o tempo. Três condições me parecem essenciais:

- Trabalhar em um espírito de não-poder: Ellul nos lembra que, se a impotência é "querer fazer, mas não poder", a não-potência é "poder fazer, mas não necessariamente querer", com vistas à autolimitação e sem qualquer obrigação de obter resultados: movido apenas por um senso de responsabilidade moral e fraternidade.

- Trabalhe somente em grupos pequenos: no máximo dez pessoas, homens e mulheres de diferentes origens, mas com conhecimento suficiente de psicologia analítica e da história do pensamento tecnocrítico e "organizados internamente como uma massa", para usar a frase de Jung, ou seja, cujo ego se baseia em uma autoridade que o transcende (o Você, o Self, Deus, o "outro" etc.). [3]

- Equilíbrio entre intercâmbios reais e virtuais: acreditar que podemos criar vínculos com a comunidade e levar o debate adiante usando capturas de tela (com sessões de zoom, por exemplo) é mais uma vez ceder à ideologia da técnica.[4]

No entanto, não sei quais objetivos concretos essa comunidade estabeleceria para si mesma, pois somente ela teria o poder de fazê-lo.

Joël Decarsin,
28 de maio de 2025

Esse site pode ser visto como uma chamada para inscrições.

[3] Se as ciências humanas são incapazes de identificar o problema, é precisamente porque são apenas ciências e não mobilizam a totalidade da pessoa: o consciente e o inconsciente. E é por isso que a ciência sem consciência não nos leva a lugar algum.

[4] Essa ideologia é a antítese exata da ética cristã: ao contrário do deus que se encarnou em um modesto estábulo, a grande maioria dos humanos estabelece relacionamentos desencarnados por meios sofisticados e busca um grande número de seguidores, enquanto Cristo nunca buscou mais do que doze.